

O Estágio Supervisionado no Curso de Jornalismo da Ufac: tecendo histórias de uma formação¹

Wagner da Costa SILVA²
Universidade Federal do Acre - Ufac

Resumo

O presente artigo discute as contribuições da disciplina Estágio Supervisionado na formação de estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Busca-se, por meio da análise de relatórios, verificar que contribuições os alunos enxergam depois de passarem pelas redações dos diferentes veículos. A disciplina coloca o aluno em contato com o mercado de trabalho e profissionais que nele já atuam, podendo aplicar as técnicas e conhecimentos adquiridos na universidade. Balizaram as discussões desta pesquisa, autores como Meditsch (2007), Valverde (2006) e Marques de Melo (2003). Analisa-se, aqui, 5 relatórios apresentados por acadêmicos ao final da disciplina

Palavras-chave: estágio supervisionado; jornalismo; Ufac;

1.0 O ensino de jornalismo: diferentes perspectivas

A formação em jornalismo é hoje o centro de inúmeras discussões. Não obrigatoriedade do diploma, novas dinâmicas nas redações em função da emergência de novas rotinas produtivas ocasionadas pelo surgimento e desenvolvimento da internet e das redes sociais, enxugamento de postos no mercado de trabalho, evolução de um jornalismo pós-industrial colocam o jornalista e sua formação em verdadeiras encruzilhadas.

Tecem-se novas exigências, delineam-se novos perfis, desenham-se engenharias de produção de conteúdo, reivindicam-se perfis que, na cultura da comunicação que atualmente parece em voga, prega a existência de um jornalista multifacetado que maneje, com competência, tecnologias as mais diversas.

O maior desafio da atualidade, no campo jornalístico brasileiro, é reconhecer o declive do modelo de jornalista liberal no momento de profundas transformações nos modos de acesso, nos suportes, na produção de informações calcadas no contexto das “novas mídias ou as mídias digitais”. Eles integram empresas capitalistas que têm como objetivo principal o lucro. Como empresas integram grupos de interesses bastante

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do V Encontro Regional Norte de História da Mídia.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Wagnercostas@hotmail.com

definidos e muitas vezes alinhados à linhas ideológicas e partidos políticos. (GOLZIO, 2009)

Esses acontecimentos que surgem aqui e ali com cada vez mais força impactam nas formas como o jornalista vem sendo pensado também dentro das universidades, As instituições, principais responsáveis pela preparação dos profissionais de comunicação que irão ocupar postos no mercado de trabalho e desempenhar importante papel na sociedade, não assistem de braços cruzados a esses inúmeros movimentos que acontecem além de seus muros. Mudam-se os currículos, procura-se um maior diálogo com a sociedade, constroem-se pontes com o mercado de trabalho e os profissionais que dele fazem parte.

Assim a universidade cumpre um importante papel: o de estar atendida com as novas dinâmicas que a sociedade reivindica. Para além das salas de aula das universidades a sociedade segue um curso, assim como o jornalismo tem seguido o seu e cabe, a quem estuda e pesquisa a comunicação superar um desafio: formar um profissional apto a encarar esses novos leões que o mercado de trabalho coloca para enfrentar os novos e antigos profissionais. Como coloca Meditsch (2007) “Pensar em novas tendências no ensino do jornalismo passa por pensar este ensino no contexto da nascente sociedade da informação”.

No entanto, os cursos de jornalismo, destaque-se, também estão em processo de mudança. A formação do jornalista, historicamente, tem compreendido o encontro entre teoria e prática, sendo que, dependendo do período, uma ou outra dessas correntes esteve mais em evidência. Todavia, parece ser consenso, que o jornalista é um profissional que deve possuir vasta bagagem cultural, algo imprescindível para que ele compreenda o seu ser e estar no mundo, o papel que desempenha como observador e interpretador da realidade.

Se resgatarmos os diferentes momentos da formação em jornalismo no país veremos que, em seu primeiro registro efetivo, a formação humanística recebeu maior atenção. Os acadêmicos, que contavam com curso ainda sem estrutura para trabalhos práticos e ligados as faculdades de Filosofia, eram submetidos a um fluxograma curricular que contemplava de forma desigual disciplinas mais teóricas em detrimento da prática.

Mudanças mais significativas surgiram apenas na década de 80, quando a existência de laboratórios e de carga horária para atividades práticas tornou-se obrigatória. Essas mudanças também, ressalte-se, foram motivos de discussões internas dentro de algumas faculdades. Portanto, verifica-se que a relação teoria e prática na formação de jornalistas é uma discussão ainda distante de provocar consenso.

O ensino de Jornalismo nos cursos superiores oscilou historicamente entre a ênfase nas disciplinas humanistas, considerando que o jornalista deve ter uma ampla formação nessa área para bem poder desempenhar o ofício, e a ênfase na prática, objetivando a formação de um profissional para o mercado, capaz de, pela formação específica, assumir encargos profissionais nos veículos de comunicação. Essa noção de uma formação eminentemente prática extrai suas razões de uma fundamentação tecnicista. É preciso formar mão de obra para o mercado, principal (senão único) fator determinante dos rumos das instituições de ensino superior, que – segundo essa visão – serão inúteis e não cumprirão sua missão específica se não formarem profissionais que possam ter colocação no mercado. (BARREIROS, 20012)

Ao assumir uma das duas correntes para a formação de seus acadêmicos, o curso assume, também, o perfil de profissional que deseja formar. E, essa discussão, tem provocado inúmeros debates, pois é uma posição diante da sociedade, do mercado, de seus objetivos, que afeta o perfil de seus professores e alunos, são posições políticas, uma política com o mundo. Pois, como destaca Freire, a educação é um ato político, e qualquer decisão sobre metodologias, conteúdos, são também decisões políticas. São decisões carregadas de significados, de objetivos.

Os professores e alunos, principais atores dos atos de ensinar e aprender, ao chegar às salas de aula possuem suas visões sobre o mundo, já assumem posições, se colocam diante das questões da sociedade a partir de suas histórias de vida, a partir da trajetória que construíram. Dessa forma, assumir posição pelo perfil do profissional que se deseja forma, é assumir o hoje e o amanhã, pois essa formação implicará nesses dois momentos.

No entanto, no seio das universidades de Jornalismo a dicotomia teoria e prática é encarada como a formação de um modelo de profissional mais ou menos crítico diante dos processos e efeitos dos conteúdos midiáticos. Para a corrente que defende uma bagagem maior de conteúdos teóricos, isso acarretaria a formação de um profissional capaz de ler melhor as questões que envolvem a sociedade e seria essa a função do jornalista. Já aqueles que defendem uma maior dedicação aos conteúdos práticos, consideram que o futuro profissional em jornalismo deve sair da Universidade dominando as técnicas, pois assim teria mais chance de se inserir no mercado de trabalho.

De fato, em nossos cursos a teoria sempre foi considerada mais importante do que a prática, e esta concepção até já faz parte do senso comum. Difícil é explicar, por ela, porque esta teoria tão importante tem sido historicamente tão descartável, e sequer se acumula. A formação clássico-humanista que orientava os cursos de jornalismo até a década de 60 foi rejeitada pelo funcionalismo introduzido pelo Ciespal. O funcionalismo



que dominou os cursos na década de 70 foi extirpado do currículo pela hegemonia do marxismo que veio a seguir. Tudo o que o marxismo ensinou foi posto de lado na década seguinte, com o reinado da psicanálise e do simbólico. E estas vertentes também já saíram de moda, substituídas pelas explicações pós-modernas da sociedade e pelos estudos culturais. Cada nova teoria ensina que as anteriores não tinham importância, mas todas garantem ser mais importantes do que as práticas. Estas últimas, embora com sua importância minimizada, continuaram as mesmas, e graças somente a elas o campo acadêmico não foi descartado como um todo e manteve alguma identidade ao longo destas décadas. (Meditisch, 2007)

Diante de um mundo em mudanças, de um avanço cada vez maior do componente tecnológico pode parecer, essa questão torna-se cada vez mais urgente e necessária, pois a comunicação tem mudado de forma vertiginosa. Os processos, os meios para produzir conteúdo, o interior das empresas, empresas essas que cada vez estão menores e muitas tendem a sumir se não se adaptarem aos novos tempos, a forma como os jornalistas se vêem e vêem o seu futuro, tudo parece mudar em curto espaço de tempo. Portanto, é preciso que esse profissional consiga encontrar o seu espaço no mundo, esteja apto para superar tormentas, se adaptar as mudanças. No entanto, como alerta Meditsch (2007) “A perspectiva de mutação desafia a pesquisar e ensinar coisas novas, e as escolas não têm claro ainda o que nem como ensinar.”

Desde 2013, o curso de jornalismo passou por mais um processo de mudança. Por determinação do Ministério da Educação, depois de um trabalho de pesquisa e discussões feito por um grupo de professores, alterações nos currículos foram determinadas. Nesse novo momento, percebe-se, uma maior atenção para conteúdos voltados às tecnologias digitais e, ainda, uma carga maior de conteúdo do campo da prática. Todavia, como destaca o professor Eduardo Medtisch, essa mudança não significa um período de diminuição da importância da teoria dentro dos cursos, mas de dar sentido a esse tipo de conteúdo.

Ao contrário do que tem dito alguns críticos das novas diretrizes, essa quebra de paradigma não significa um abandono da teoria ou da pesquisa científica nos cursos: pelo contrário, significa a sua valorização, dando-lhe coerência e sentido na formação profissional de jornalistas como produtores intelectuais. Não se trata de uma opção pelo tecnicismo, mas de uma exigência de reorientação dos conteúdos teóricos ministrados nos cursos, que pela norma não devem ocupar menos de 50% de toda a carga horária de disciplinas. Uma reorientação para que façam mais sentido na formação dos alunos enquanto intelectuais, com uma visão ampla, generalista e humanista, mas ao mesmo tempo especializada, uma vez que o jornalismo, como produção de conhecimento, tem uma perspectiva diferenciada em relação a da ciência e a da arte. (Meditisch, 2014)

No bojo dessas mudanças, a disciplina de estágio supervisionado torna-se obrigatória. A matéria é responsável por inserir o acadêmico em empresas de comunicação, possibilitar o exercício das técnicas e teorias discutidas em sala de aula, permitir que o acadêmico reconheça suas potencialidades e áreas de interesse, possibilitar o contato do estudante com outros profissionais para trocas de experiência. São atribuições importantes, pois engendra uma reflexão sobre o curso, o mercado, a profissão e os conteúdos vistos na universidade. (Valverde, 2006, p.92)

O estágio profissional em Jornalismo, no Brasil, sempre foi uma questão envolta em polêmicas, assim como ocorre com a habilitação profissional. Os sindicatos de jornalistas e a Federação Nacional dos Jornalistas sempre olharam com muitas reservas a presença dos estagiários exercendo funções de profissionais habilitados.

Para o Professor José Marques de Melo a existência do estágio supervisionado poderia trazer benefícios para a formação do jornalista

Embora propiciem razoável base cultural e em alguns casos estimulem a prática jornalística nos laboratórios didáticos, falta aos cursos de comunicação vontade política para negociar programas de cooperação com as empresas. A proibição do estágio tem sido fator de estímulo à formação de jornalistas despreparados para enfrentar o primeiro emprego. A situação agrava-se com a velocidade com que as novas tecnologias de comunicação são absorvidas pelo mercado. Impotente, isolada e pauperizada, a universidade não tem condições para acompanhar as inovações vigentes no mundo do trabalho. Há evidentes exceções à regra, mas o panorama nacional é desalentador (MARQUES DE MELO, 2003, p. 176)

Todavia, o estágio em um curso de jornalismo, não pode ser uma atividade oca, distante dos conteúdos que o aluno aprendeu na universidade, ele deve ser espaço de discussão, de orientação, de diálogo entre professores, alunos e profissionais. Dessa forma, a atividade não se transformará em mero tecnicismo, um espaço de aplicação de técnicas, ele torna-se espaço de formação.

No campo do jornalismo sempre existiu, ainda, uma preocupação para que o estágio não se torne uma arma do empresariado para substituir profissionais formados por estagiários no intuito de pagar salários menores, o que pode fragilizar o jornalismo, com

uma produção sem a devida apuração, rigor ético e acabamento, além de criar um clima de instabilidade nas redações, provocando demissões em massa.

2.0 O curso de jornalismo da Ufac

O curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo foi criado em 2000, sendo o primeiro curso do Estado do Acre nesta área. Ele foi elaborado com o objetivo de atender uma demanda da sociedade, levantada principalmente por entidades sindicais de Jornalistas, que buscavam formação local para “romper com a dependência de importação de comunicadores oriundos de outras regiões do país” (UFAC, 2001, p. 6) e para a melhoria da qualidade das produções jornalísticas regionais.

O curso de Bacharelado em Jornalismo tem o objetivo de formar profissionais e pesquisadores para atuação crítica sobre fatos e processos socioeconômicos e culturais da região amazônica. Visa fomentar levantamento de dados, produção de informação, análises e interpretação de problemas da realidade social e, desta forma, contribuir com a qualidade de execução das políticas públicas e divulgação das manifestações da sociedade e dos atos do poder público. O curso visa, ainda, formar profissionais capazes de atuar no mercado de trabalho de modo criativo, competente e crítico. São oferecidas anualmente 50 vagas e o curso funciona no período noturno

Destaque-se que no Acre o mercado de trabalho para o jornalismo sofreu uma expansão nas últimas décadas com a ampliação de vagas com a abertura de sites e a profissionalização das assessorias de imprensa. Nesse cenário, o curso tem cumprido o papel de formar profissionais para atender a essa demanda. A

Amazônia Ocidental, região em que está localizado o estado do Acre, constitui um espaço que apresenta inúmeras necessidades e demandas de formação na área de Jornalismo. As empresas enfrentam dificuldades em diversos níveis, como a dependência de verbas estatais/ públicas, a forte influência política nos meios de comunicação, prejudicando a independência ideológica dos conteúdos. Parte dos profissionais que atuam na área não possui formação específica ou adequada. Em um contexto em que a dinâmica histórica é desafiadora, o debate público requer profissionais que contribuam qualitativa e criticamente para o aprimoramento dos processos políticos, econômicos, sociais e culturais.

O curso tem buscado possibilitar um ambiente necessário de discussão e reflexão sobre Comunicação e Jornalismo no Estado do Acre e na região da Amazônia Ocidental, recebendo estudantes de

municípios do interior e de estados vizinhos e propõe atividades que envolvem a sociedade como em debates, oficinas, exposições e seminários. Dois eventos importantes de reflexão e troca de conhecimentos foram o IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Intercom Norte, sediado na Ufac em 2010, e a I Conferência Estadual de Comunicação (2009). Ambos tiveram uma ampla participação do corpo docente e discente de Jornalismo. Professores e estudantes também vêm ampliando participação em eventos científicos da área como nos congressos nacionais e regionais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e congressos internacionais como o da ALAIC – Associação Latino Americana de Comunicação, entre outros.

A disciplina de Estágio Supervisionada é ofertada, no fluxograma do curso de Jornalismo da Ufac, no sexto período. Compreende a realização de 180 horas de atividades em empresas de comunicação sob supervisão de um profissional formado em Jornalismo ou Comunicação Social e um professor do curso. Antes de iniciar a atividade, o projeto político pedagógico do curso, estabelece a elaboração de um plano de atividades que deve ser executado sob supervisão de um profissional da empresa na qual o aluno realize o estágio. Ao final da disciplina, o acadêmico deverá apresentar um relatório final ao professor da matéria. O relatório compreende os seguintes itens:

Histórico da empresa

Estrutura da empresa

Atividades realizadas

Contribuições do estágio para a formação

Pontos positivos e negativos do estágio e da empresa

Dificuldades enfrentadas no estágio

Os estágios são realizados, em sua maioria, na área de assessoria de imprensa, principal mercado empregador do estágio. Em menor número, aparecem os sites, jornais impressos, emissoras de televisão e rádio. No curso, os alunos que fazem estágios em revistas, estão ligados à agências de publicidades que trabalham com esse tipo de veículo. Como destaca o Projeto Político Pedagógico do Curso, de 2013:

O campo de trabalho local é constituído basicamente de empresas de pequeno e médio porte e órgãos públicos ou de interesse público. Há empresas privadas que produzem jornais e revistas, impressos e online, vídeos, editoração e material gráfico. Há empresas de rádio e TV que operam como concessionárias dos meios de comunicação de massa atuando em rede nacional e local, com programação jornalística e entretenimento. Existe um mercado em expansão em assessorias de comunicação ligadas a órgãos governamentais e empresas privadas.

Apesar de estar alocada no sexto período do curso, muitos alunos realizam atividades de estágio antes de chegar à disciplina, situação que preocupa o curso, já que o aluno muitas vezes chega ao mercado sem ter a bagagem teórica, ética, técnica e humanista ainda. Por ser o único curso de jornalismo do estado, a Ufac torna-se a única fonte de profissionais.

3.0 O caminho se faz caminhando: o estágio como espaço de formação

Neste artigo, analisa-se o item “contribuição do estágio supervisionado para a formação” que consta no relatório final da disciplina de estágio Supervisionado do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Foram analisados 5 relatórios, todos do ano de 2015. Os alunos não serão nomeados, mas enumerados de 1 a 5. Buscou-se, ainda, contemplar alunos de sexo feminino e masculino.

Um primeiro ponto evidenciado após leituras dos relatórios, é o fato dos alunos verem no estágio uma possibilidade de encontro entre teoria e prática. O que fica evidente em suas falas.

A oportunidade do estágio acrescenta ao estudante o início da prática profissional aliando ao ensino aprendido na academia. Além de aplicar o que foi debatido teoricamente na sala de aula, proporciona interação com profissionais, troca de idéias, dicas etc. (Aluno 1)

Durante o estágio é possível notar a relação entre teoria e prática, uma complementando a outra. São ligadas e refletem no aprendizado dentro do campo de trabalho. (Aluno 2)

Mais do que proporcionar ao estudante a prática profissional diária, o estágio vem complementar o processo de aprendizagem e assimilação dos conteúdos estudados em sala de aula. (Aluno 3)

O estágio promoveu a oportunidade de vivenciar na prática conteúdos aprendidos na academia, propiciando desta forma a aquisição de conhecimentos e atitudes relacionadas com a profissão de comunicador. (Aluno 4)

É durante a disciplina de Estágio Supervisionado que é possível vivenciar a prática de uma redação ou de uma assessoria, apesar de que muito do que se aprende na faculdade é apresentado de maneira diferente na prática (Aluno 5)

Percebe-se, pela fala dos estudantes que, na visão deles, existem dois mundos. O mundo da universidade, da teoria, da reflexão, e o mundo do mundo do mercado de trabalho, o mundo da prática. Para sua formação, o mundo da universidade deve encontrar o mundo da prática, pois *esse mundo é diferente do que é aprendido na universidade*. Dessa forma, eles mostram estar enraizados de uma visão que coloca a universidade e seus conteúdos como algo distante do que acontece no mercado de trabalho, pois “...*muito do que se aprende na faculdade é apresentado de maneira diferente na prática*. Todavia, esse visão dicotômica entre o espaço da teoria e o da prática, da universidade e do mercado, é algo bastante comum nos curso de Jornalismo do país. De acordo com Dias (2012), “a atividade jornalística estruturou-se sobre a técnica, antes de chegar às universidades. Mesmo nos cursos de graduação, os alunos costumam fazer questionamentos quanto aos preceitos teóricos da formação profissional e aos práticos”. Outra leitura que os relatórios apresentados pelos acadêmico permite diz respeito ao conhecimento do funcionamento das redações e dos caminhos que o trabalho jornalístico constrói em seu cotidiano. São relações com os colegas de redação, com a empresa e fontes.

Durante a prática aprendia algumas coisas, uma delas é a importância de manter um bom relacionamento com a equipe. A relação profissional com a equipe do rádio e com as pessoas que lá trabalhavam, tornou possível para mim um progresso considerável de conhecimento. (Aluno 1)

No estágio aprendi que não basta ter uma matéria bem escrita, se ela não estiver alinhada com os objetivos da empresa e de seu funcionamento, ou seja, nossos textos precisam conter palavras que comuniquem da melhor forma possível para pessoas de diversas idades, sexo e classe social. (Aluno 2)

O estágio apresentou novos conhecimentos, alternativas mostrando que cada instituição possui um ritmo de assessoria, pois cada uma possui uma particularidade. (Aluno3)

Durante o estágio foi possível estar bem informado com os temas relacionados ao governo e poder observar como as pautas podem ser aproveitadas no rádio, TV, jornal impresso e internet. (Aluno 4)

Motivo de controvérsia, o estágio supervisionado mostra-se um importante meio para que os vivenciem a realidade das redações e das empresas de comunicação, tomam ciência de seu funcionamento, o que contribui para a construção de sua identidade enquanto profissional. Coloca o aluno diante de alguns desafios que não são vivenciados na universidade.

4.0 Considerações finais

Este artigo buscou discutir a contribuição da disciplina estágio supervisionado na formação dos acadêmicos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Curso que historicamente vivencia a dicotomia entre teoria e prática e está diante de inúmeros desafios atualmente, tendo em vista as muitas mudanças que o campo da comunicação passa, o jornalismo tem buscado caminhos que liguem o presente ao futuro. Buscando formar profissionais com bagagem teórica e prática, capazes de interferir nesse mundo em transformação. As vozes dos acadêmicos que trouxemos à baila neste artigo, mostram que a divisão teoria e prática ainda não foi superada, porém o estágio supervisionado é visto como uma ponte entre esses dois pilares da formação do futuro profissional, além, do mais é uma maneira para que eles conheçam a dinâmica das redações e das empresas.

5.0 Referências

BARREIROS. Tomás Eon. **O ensino superior de Jornalismo na visão de estudantes concluintes: pesquisa em instituições de Curitiba-PR.** In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

GOLZIO. Derval G. **A formação dos jornalistas diante dos novos suportes midiáticos e do fim da obrigatoriedade do diploma.** Revista Cultura Midática. João Pessoa, n.2, 2009.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo brasileiro.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

MEDITSCH,, Eduardo. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 1, n. 1. 2007.

_____, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior.

VALVERDE, Franklin Larrubia. **O papel pedagógico do estágio na formação do jornalista.** São Paulo, 2006, 227 f. Tese (Doutorado). Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.